

Como criar um corpo sem órgãos para o karate? – um ensaio sobre a prática

How to create a body without organs for karate? - an essay on practice

¿Cómo crear un cuerpo sin órganos para el karate? - un ensayo sobre la práctica

Fabio Augusto Pucineli¹

Carlos José Martins²

Flávio Soares Alves³

Resumo: O presente ensaio tem como anseio estabelecer diálogos entre cosmologias distantes, mas que se aproximam em composições de suas diferenças. A problemática gira em torno da questão sobre como criar um corpo sem órgãos no ou para o karate, prática corporal inicialmente desenvolvida em Okinawa, sob influências de diversos países da Ásia e que, posteriormente se hibridizou em investimentos libidinais de desejo com o ocidente. Pouco se pode dizer o que o karate é. Algo desse pouco, seria afirmar que o karate é uma multiplicidade em labirintos de estilos, escolas, linhagens etc. Este ensaio é composto de relatos pessoais com a prática de karate, com discussões atravessadas por autores da Filosofia. Nada se conclui, a não ser que o karate está sempre em processo, diferenciando-se de si mesmo.

Palavras-chave: Arte marcial; Okinawa; Experimentação.

Abstract: The aim of this essay is to establish dialogues between cosmologies that are distant from each other, but which come close in terms of their differences. The problem revolves around the question of how to create a body without organs in or for karate, a bodily practice initially developed in Okinawa, under the influence of various Asian countries and which later hybridised in libidinal investments of desire with the West. Little can be said about what karate is. Some of this would be to say that karate is a multiplicity in labyrinths of styles, schools, lineages, etc. This essay is made up of personal accounts of karate practice, with discussions crossed by philosophical authors. Nothing is concluded, except that karate is always in process, differentiating itself from itself.

Keywords: Martial art; Okinawa; Experimentation.

Resumen: El objetivo de este ensayo es establecer diálogos entre cosmologías distantes entre sí, pero que se aproximan en sus diferencias. El problema gira en torno a la cuestión de cómo crear un cuerpo sin órganos en o para el kárate, una práctica corporal desarrollada inicialmente en Okinawa, bajo la influencia de varios países asiáticos y que posteriormente se hibridó en inversiones libidinales del deseo con Occidente. Poco se puede decir sobre lo que es el kárate. Algo sería decir que el karate es una multiplicidad en laberintos de estilos, escuelas, linajes, etc. Este ensayo se compone de relatos personales sobre la práctica del kárate, con discusiones cruzadas de autores filosóficos. No se concluye nada, excepto que el karate está siempre en proceso, diferenciándose de sí mismo.

Palabras-clave: Arte marcial; Okinawa; Experimentación.

O presente ensaio tem como anseio estabelecer diálogos entre cosmologias distantes, mas que se aproximam em possíveis composições de suas diferenças. É um embaraçado de experiências, pesquisas e leituras pessoais, que tem como objeto uma prática corporal

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp

³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp

combativa inicialmente desenvolvida em Okinawa, ilha ao extremo-sul do Japão, e que se expandiu mundialmente, desterritoriolizando-se e reterritorializando-se, o karate.

A problemática gira em torno da questão: como criar um corpo sem órgãos no ou para o karate? Tal como Deleuze e Guattari se apropriaram do conceito de Artaud, e o transformaram, fazendo releituras e dando novas operacionalidades para a inusitada “piração” de seu compatriota, penso que seria possível, e importante, e urgente, criar, ou ao menos pensar, para o karate um corpo sem órgãos. Mas quais seriam os órgãos do karate? Os golpes? As graduações? Os discursos legitimadores? As identidades? Quais seriam os excessos de organismo presentes na prática? Como destituir o karate dos códigos prescritos sobre ele, de maneira a lhe restituir os *caminhos* afectivos da aprendizagem da arte de servir-se e desservir-se das armas, como apresentado em *Mil Platôs*, por exemplo?

Aprender a desfazer, e a desfazer-se, é próprio da máquina de guerra:

o ‘não-fazer’ do guerreiro, desfazer o sujeito. [...] É verdade que as artes marciais não param de invocar o centro de gravidade e as regras de seu deslocamento. É que as vias não são, todavia, últimas. Por mais longe que penetrem, elas ainda são do domínio do Ser, e a única coisa que fazem é traduzir no espaço comum os movimentos absolutos de uma outra natureza – aqueles que se efetuam no Vazio, não no nada, mas no liso do vazio onde não há mais objetivo: ataques, revides e quedas ‘de peito ao vento’ (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 85).

No karate, o “vazio” do nome é também o vazio da prática? Espaço liso que se estria, mas que se alisa novamente. Pouco se pode dizer o que o karate é. Algo desse pouco, seria afirmar que o karate é uma multiplicidade, e as multiplicidades são a própria realidade, tal como escreveram os parceiros franceses citados mais acima. Karate é um termo genérico de algo primeiramente tão distinto e distante de qualquer instância, ou possibilidades de culturas consideradas ocidentais. Algo tão distinto e distante da própria nação à qual costuma-se atribuir sua origem. O karate é mesmo japonês? Ou foi capturado, e reformulado pelo modernizado Japão, que se hibridizava em investimentos libidinais com países da Europa e com os Estados Unidos? Como as distâncias se encontram?

Há sutis e explícitas diferenciações daquilo que se resolveu denominar como karate em Okinawa, uma pequena ilha nos confins do Pacífico - local atravessado por linhas de forças de diversas direções. Aquilo de diferentes nomes, ou sem nome algum, que após ser axiomatizado, denominou-se karate, não cessava, e não cessa, de se diferenciar. Federações esportivas tentam ao máximo fazer dele algo único, ou mais próximo de único possível. Mas o que se chama

karate sempre encontra brechas, agarra-se a outras linhas de forças e se atira em novos agenciamentos. Ou, quando menos se espera, se mostra diferenciado já há tempos, pelas escuras, sem calçada, e labirínticas ruas estreitas de Okinawa.

Quando alguém procura muito – explicou Sidarta – pode facilmente acontecer que seus olhos se concentrem exclusivamente no objeto procurado e que ele fique incapaz de achar o que quer que seja, tornando-se inacessível a tudo e a qualquer coisa porque sempre só pensa naquele objeto, e porque tem uma meta, que o obceca inteiramente. Procurar significa: estar livre, abrir-se a tudo, não ter meta alguma (Hesse, 2001, p.148).

Em duas ocasiões nem os taxis que tomei para me levarem ao *dōjō* principal do karate que pratico, conseguiram encontrar o local, mesmo com o endereço. Tal como as ruas, o karate também tem essa dimensão de caótico labirinto, que vai se expandindo indiscriminadamente, recombinando-se, fazendo, desfazendo e refazendo-se, num crescente cruzamento de linhas que ora se entrelaçam, em tecido mais consistente, ora são desfiadas e buscam novos entrelaçamentos.

Diz-se que um labirinto é múltiplo, etimologicamente, porque tem muitas dobrass. O múltiplo é não só o que tem muitas partes, mas o que é dobrado de muitas maneiras. Um labirinto corresponde precisamente a cada andar: um labirinto do contínuo, na matéria e em suas partes, e o labirinto da liberdade, na alma e em seus predicados. Se Descartes não soube resolvê-los, foi porque procurou o segredo do contínuo em percursos retilíneos e o segredo da liberdade em uma retidão da alma, ignorando a inclinação da alma tanto quanto a curvatura da matéria. Há necessidade de uma “criptografia” que, ao mesmo tempo enumere a natureza e decifre a alma, que veja nas redobras da matéria e leia nas dobrass da alma (Deleuze, 1991, p. 14).

Okinawa é um labirinto. Não é simples entender-se com os embaraçados caminhos de lá. Em alguns casos, até mesmo os próprios moradores têm dificuldade, que dirá os estrangeiros, os alienígenas, que visitam a ilha para “beberem da fonte” do karate. Aqueles cuja prática é colonizada e contaminada com as racionalidades, fundidas em seus corpos e discursos. Muitos dos estrangeiros que visitam Okinawa parecem insistir em não compreenderem, em não se deixarem afetar, ou mesmo em perderem-se nos labirintos. Querem apenas encontrar. Seus olhos focam no objeto procurado, e não acham, pois estão presos a um fim. Querem que suas técnicas “evoluam”, querem ser mais graduados; buscam conhecimento, quando o karate de Okinawa parece prezar pelo cuidar... ou mesmo querem esperar pelo final das aulas, eventos, para posarem em fotos juntos com os mestres.

[...] ninguém pode escutar mais das coisas, livros incluídos, do que aquilo que já sabe. Não se tem ouvido para aquilo a que não se tem acesso a partir da experiência. Imaginemos um caso extremo: que um livro fale de experiências situadas completamente além da possibilidade de uma vivência frequente ou mesmo rara – que seja a *primeira* linguagem para uma nova série de vivências. Neste caso simplesmente nada se ouvirá, com a ilusão acústica de que onde nada se ouve *nada existe...* (Nietzsche, 2008, p. 51).

Okinawa é um labirinto, e o que não se deve fazer num labirinto é ficar parado, a não ser que seja para descansar ou contemplar. Num labirinto, os caminhos só aparecem quando se desloca. Um labirinto é um convite para perder-se, sem saber quando sairá dele, ou mesmo se sairá. Num dos caminhos desse labirinto, o karate amalgamou-se com uma cultura competitiva, de espetáculo, e sofreu reconfigurações de acordo com certas conveniências e facetas, que o transformaram em elemento que poderia também ser útil como instrumento pedagógico e de disciplinarização. Assim, quando o karate é praticado em sua forma competitiva, são os princípios da racionalidade científica, presentes no treinamento atlético, que norteiam a prática: realizar os movimentos de forma mais veloz, mais forte; ser mais resistente, chutar mais alto, mais, mais, mas... até onde?

Uma série de outras questões emergem, em efervescência: e se caso a prática fosse ressignificada por um grupo social no qual a estética da existência, a vida como obra de arte, fossem prioridades? Quais seriam os regimes de verdade em torno do karate? Seria possível hoje uma prática do karate desvinculada de utilitarismos, racionalidades científicas, padrões, linearidades, nivelamentos etc.? Como pensar, sentir, e fazer um corpo sem órgãos para o karate? Como acontecer em si próprio uma prática não teleológica, na qual a chegada a um objetivo prévio não seja a prioridade? Como criar para si um karate sem órgãos, compondo-se com os labirintos dos constantes processos de encontrar, desencontrar e reencontrar? Território, desterritorialização, reterritorialização... território: ritornelo! “Tudo aquilo que se considerou como labirintos era ritornelos” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 175). Há outras alternativas de caminho nesse labirinto?

Seria possível pensar num karate despido dos excessos de organismo? Vislumbrar possibilidades de fuga, rachaduras, fissuras, outras potências, e concebê-lo como uma *askésis*, um caminho a ser elaborado, um exercício de si sobre si, um plano de imanência em direção a uma estética da existência? Como fazer do karate uma máquina de guerra, e não elemento de conformismo, de disciplina?

Apesar de ser capaz de estabelecer comunicação verbal em língua japonesa, a leitura e a escrita me são ainda bastante desafiadoras. Como num lento processo de escolha de grãos,

recolho fragmentos de uma cultura que me intriga, instiga e provoca, mas da qual inevitavelmente não faço parte. Reconheço linhas de força cá e acolá, as quais busco recolher e com elas tecer questões, práticas, entendimentos etc. Procuro ancoragens em documentos e textos escritos numa língua tão distinta e distante da minha, em formas de pensar, de olhar, sentir e agir. Encontro pistas que me levam ora de um lugar, ora para outro. Ocupo territórios, e me desterritorializo, para reterritorializar-me no concreto da escrita sobre esse caminhar.

Vou em busca de pistas em Okinawa, de como compreender o karate uma arte. A intenção é predominantemente a de colher parte dessas pistas em meu próprio corpo, não só através da prática do karate, mas também ouvindo o cheiro amadeiresiástico que paira sobre a ilha; enxergando os gostos dos pratos típicos; cheirando os sons dos *sanshin*, que compõem a peculiar musicalidade okinawana; experimentando o colorido das roupas, do ambiente e das pessoas; sendo agraciado com o vento local, habitando os espaços, e permitindo que eles habitem meu corpo. Não se trata de me japoneizar, ou de me okinawanizar. Mas de buscar um devir-okinawano, numa experiência de empatia, de contato, de olhar e sentir a si no outro, no diferente, na diferença. O outro de outra semiótica, com outros regimes de signos, de discursos, de corpo...

O que pode o corpo? O que pode esse corpo que se envolve em afetos, que afeta e é afetado? O que pode o karate? O que pode o corpo que faz karate? Como conceber na prática do karate um tipo de ética constituída como uma estética da existência? O karate em si já não seria uma estética da existência? Aliás, é possível algo “em si”? O eu não nos é dado, ensina Michel Foucault (1995). Logo, não seria possível refletir também que o karate também não é algo dado, fazendo-se em elaborações diárias, e distintas de si mesmo?

Para saber o que pode o corpo, não há outra maneira senão a experimentação. Logo, para saber o que pode o karate, o caminho não é outro senão também a experimentação. Além disso, o que fazer com as experimentações? Porém, esse caminho também não possui *a priori*, ele se faz enquanto é percorrido. Assim, seria a ascese, o trabalho cotidiano e contínuo, um possível e potente caminho para se fazer do karate uma obra de arte?

Enquanto me dava uma carona para que eu retornasse ao *hostel*, após uma prática de karate em Okinawa, Takara *san* comentou: “Cada pessoa tem um corpo, logo cada *kata* é diferente”. Assíduo praticante de karate, Takara *san*, então com seus 70 anos de idade, comparece quase que diariamente ao *dōjō*. Nascido na ilha, engenheiro, comunica-se também em inglês. Sempre me convidava para prosseguirmos uma conversa, comendo e tomando cerveja, ou qualquer das típicas iguarias etílicas.

“Cada pessoa tem um corpo, logo cada *kata* é diferente”. A frase é exatamente a mesma da que foi colocada acima. Porém, repetida agora, possivelmente já é impregnada de outros afetos, após uma breve explanação sobre quem me disse. Isso pode ser um convite para refletir sobre a prática de *kata* em Okinawa: já que cada corpo é único, e isso faz com que cada *kata*, em sua execução singular, localizada numa espacialidade determinada, faz-se única também porque o corpo se diferencia de si próprio, a cada nova afetação.

Logo, o que se faz com os anseios de padronização do corpo que executa um *kata*, quando configurado pelo esporte, pela pedagogia e pela disciplina? Como pensar as potencialidades artísticas de um *kata* quando ele é reduzido a um exercício utilitário, de defesa pessoal, ou de instrumento facilitador para aprender outros conteúdos, ou simplesmente para aprender a obedecer a determinados enunciados?

É sabido, a ponto de ser lugar comum, que o modernizado significado do termo karate é “mãos vazias”. Destarte toda conveniência política por trás dessa denominação, está também embutido no significado, um respiro, um intervalo, um vazio. Espaço este que se pretende repleto de potência. Ínterim que o francês Henri Bergson (2010, p. 29) possivelmente chamaria de “zona de indeterminação”, um espaço entre o estímulo e a resposta que, quanto mais duradouro, maior o convite à contemplação e à criação. Prática cara à cultura japonesa que ocorre também de outras duas maneiras: *ma* (間) e no sonoro *mu* (無).

Ma seria um entre-espaço de possibilidades, uma temporalidade. A arte japonesa é repleta de *ma*, seja na arquitetura, nas pinturas, na caligrafia, e nas artes marciais. Um exemplo de *ma* no cotidiano seria a relação do dentro com o fora. Os calçados usados na rua são retirados num espaço chamado *genkan*, para entrar em determinados recintos, como templos, escolas, residências etc. *Genkan* é um não-lugar, uma pausa processual, uma conexão.

Mu aparece e soa muito apropriado em nossa língua, lembrando o imprescindível e esquecido, ato de “ser quase uma vaca”: o *ruminar*, segundo Nietzsche (2009, p. 14). Numa tradução direta, essa quase onomatopeia em língua portuguesa seria “nada”. É esse mesmo *mu* que se usa para *mushin*, por exemplo. *Mushin*, (mal) traduzido como o “não mente”, corresponde a um desprendimento de si, o indispensável esquecimento do “eu” para justamente compreender-se como composição da própria natureza como um todo. É nesse desprendimento, nessa suspensão, nesse ruminar, onde nada há, ou onde o que há é nada, é que residiriam as possibilidades da superação do organismo no corpo sem órgãos.

Em 2019, durante um treinamento em língua japonesa na província de Shiga, uma das experiências programadas era a apreciação da famosa cerimônia do chá. Após duas horas de

palestra sobre história do Japão e do ritual em si, o octogenário mestre convida imediatamente para saborear a bebida, juntamente com um doce, não tão doce. Degustei as iguarias pensando: “mas e a cerimônia?”. Pelo que notei, essa questão pairava no ambiente, não era somente um pensamento meu, mas dos colegas estagiários também.

Até que alguém se manifestou, e a resposta do *sensei* foi “O ritual é o menos importante”. A coloração intensamente verde do chá é um espelho. Em um gole, há um convite para olhar o próprio reflexo e pensar no que foi feito ontem; no gole seguinte, refletir sobre o que se tem feito; na terceira vez em que se leva o recipiente à boca, observar-se no “espelho” e refletir sobre o que se pode fazer de si mesmo amanhã. A vida em efêmeros e intensos encontros com o amargo chá.

Intriga Michel Foucault o fato de objetos serem obras de arte, e não a própria vida. O historiador-filósofo se questiona sobre o porquê da arte ser reservada quase que exclusivamente a especialistas que são artistas. “Entretanto [diz ele], não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?” (Foucault, 1995, p. 261). Assim, o fugaz ato de tomar chá, quando há um habitar a si próprio, agenciando-se e afetando-se com a amarga bebida, poderia isso ser uma prática ascética, de “exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (Foucault, 1995, p. 261).

Pois, ao que parece, a própria cultura japonesa oferece pistas relevantes sobre como se poderia fazer da própria vida uma obra de arte. “Pistas”, reforço, e não modelos. Logo, não seria também possível conceber também uma “arte do karate”, e não apenas uma “ciência do karate”? Quais seriam os agenciamentos maquinícios de desejo e de enunciação para que haja um corpo sem órgãos no karate, um corpo vivo e tão vivo a ponto de expulsar o organismo e sua organização?

O karate parece estar entre. E estar entre é justamente o que confere a ele sua própria realidade. Talvez ele não seja nem japonês, nem okinawano, mas oceânico: movimento das transições que se fizeram, e ainda se fazem. O karate se faz imanente em seus fluxos, em seus movimentos, em não ser, mas em seu acontecer. Talvez o karate não tenha um lugar, mas retritorializações permanentes. Sua produção se dá no inter-espacô, nos intervalos, e se materializa cada vez que um praticante faz um *kata*. Assim, quando um *kata* é realizado, há uma espécie de presentificação, uma materialização corporal das memórias que se construíram sobre o karate. Micro-memórias e macro-memórias. O *kata* é uma dobra no tempo e no espaço.

Em Okinawa, onde residem as origens do karate, exercícios denominados *kata* são executados incansavelmente. Enquanto praticantes, pessoas passam a vida toda repetindo os mesmos gestos e sequências previamente determinadas, como se fossem mantras corporais. Repete-se tanto a ponto de fazer com que haja uma espécie de despersonalização, e ausência momentânea da identidade. Quem experimenta essa perda, prova também de um corpo outro, que se faz no devir processual, e que se intensifica no invisível das sensações, ação denominada em língua japonesa de *mushin*, “não-mente”. *Kata* são territórios que se desterritorializam no ritornelo dos retornos eternos de cada singular execução. Acontecem por processos molares de aparente imitação e repetição. Porém, se tratando de sensação, afecção e expressão, a cada execução, produz-se algo de novo em si mesmo e no próprio *kata*. Dessa forma, os *kata* são embriões, corpos repletos de potentes vazios, prenhes de possibilidades.

Numa das cenas do filme O Último Samurai, dirigido por Edwar Zwick (2003), o personagem interpretado por Tom Cruise aparece praticando a arte da espada japonesa com os guerreiros. Frustrado por sua falta de sucesso no combate, ouve: “too many mind”, uma advertência sobre seu apego excessivo aos processos mentais. “Não mente”, aconselha o jovem Nobutada, outro dos tantos ininteligíveis códigos no qual estava inserido aquele colonizador. Em língua japonesa essa noção é designada como *mushin*, estado no qual há um desapego dos pensamentos e concentração nas ações do momento. Um estado de *mushin* seria acessado por uma prática corporal constante e repetitiva, a ponto de proporcionar um provisório desprendimento do eu como identidade, abrindo possibilidades a devires.

Inúmeras são as tentativas de padronizar o karate, institucionalizá-lo, de delimitar sua suposta essência, de dizer o que ele é. Mas o karate se rebela sempre. E uma das únicas possíveis afirmações sobre o que seja ele, é que é uma constante invenção, que se reinventa indiscriminadamente, numa diversidade de estilos, escolas, federações, idiossincrasias, peculiaridades, caprichos e singularidades materializadas quando um *kata* é realizado, por exemplo, constituindo um acontecimento único, irrepetível, que se diferencia de si em si mesmo.

Referências

BERGSON, H. **Materia e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DELEUZE, G. **A dobrA:** Leibniz e o Barroco. Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 253-258.

HESSE, H. **Sidarta**. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O ÚLTIMO Samurai. Direção: Edward Zwick. Produção: Tom Cruise *et al.* Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2003 (154 min.), 1 Filme cinematográfico.

Sobre os autores

Fabio Augusto Pucineli: Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pelo Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (pesquisa financiada pela CAPES), onde também realizou seu mestrado no mesmo Programa de Pós-Graduação, sob orientação do Prof. Dr. Carlos José Martins. Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Unicamp. Autor da tese "A Prática de Kata no Karate em Okinawa: Tecnologias Rudimentares? (2025) e da dissertação "Modernização do Karatê: Gichin Funakoshi e as tecnologias políticas do corpo" (2017), além de capítulos de livros e artigos que tratam das práticas corporais combativas, especialmente as japonesas. Membro pesquisador do Grupo "E-LABORE(si) - práticas corporais e tecnologias". Tem experiência no ensino de Educação Física, Ginástica, Karate e Língua Japonesa. Atualmente é professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e também da Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras (Selam) - Prefeitura Municipal de Piracicaba - SP. Faixa preta 6 dan em Karate (Okinawa Shorin-ryu Karate-do Association). Exerce também a função de curador do Café com Prosa, encontros de debates sobre temas da atualidade que acontecem no Natural Music Studio, em Piracicaba - SP.
E-mail: fapucineli@gmail.com

Carlos José Martins: Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Mestrado Acadêmico e Doutorado) Recomendado pela CAPES 2009 / Conceito 5 Área Multidisciplinar Saúde. Professor participante do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP (2010). Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Doutorado Sanduiche - Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne) /CETSAH-EHESS (2004). Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983). Atualmente é Professor Assistente Doutor Nível II (MS 3 II) no Depto. de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Rio Claro. Tem experiência nas áreas de Educação Física e Filosofia Contemporânea, com ênfase no campo da filosofia e história das práticas corporais, atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, filosofia, história, política, estética e gênero.

E-mail: carlos.j.martins@unesp.br

Flávio Soares Alves: Professor Assistente Doutor do Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro, responsável pelas disciplinas de graduação: "Práticas Corporais e Autoconhecimento",

"Educação Somática", "Atividades Rítmicas e Expressivas" e "Dança" e "Atenção Plena, Presença e Intervenção". Doutor em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da USP (2011); Mestre em Artes pela Unicamp - Instituto de Artes (2006); Graduado em Educação Física - Licenciatura Plena - pela Unesp - Rio Claro (2001); Atualmente é pesquisador e co-criador do Grupo "E-LABORE(si) - práticas corporais e tecnologias", liderado pelo prof. Dr. Carlos José Martins (Dept. de Educação Física - Unesp, Campus Rio Claro). Criador do Núcleo Contempl(ação) - centro de estudos contemplativos da UNESP, Campus de Rio Claro. Integrante pesquisador do AGIR - Grupo de Pesquisa em Atividades Gimnicas e Rítmicas, liderado pela Profa. Dra. Daniela Bento-Soares (Dept. Educação Física - Unesp, Campus Rio Claro). Docente do Programa de Pós-Graduação "Desenvolvimento Humano e Tecnologias", do Instituto de Biociências - Unesp, Campus de Rio Claro, responsável pela disciplina "Atentividade e Tecnologias de Si nas Práticas de Pesquisa". Docente do Programa de Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional - PROEF (Polo de Rio Claro). Atual Vice-Coordenador do Conselho de Curso de Graduação da Educação Física - Dept. EF-IB-UNESP/RC. Membro da Comissão Municipal de Extensão Universitária do Conselho Municipal de Ciências, Tecnologias e Inovação - Rio Claro/SP. Tem interesse pelos estudos contemplativos no ensino superior e pela pesquisa dos movimentos da invenção, a aprendizagem do/no corpo, o cuidado de si e a arte do viver na capoeira, dança e outras práticas corporais. A partir destes focos de trabalho movimenta suas investigações, tendo como referencial teórico-conceitual e metodológico a filosofia, as artes e as ciências humanas.

E-mail: flavio.alves@unesp.br

Recebido em: 24 fev. 2025

Aprovado em: 12 jul. 2025